

Poemas Primos e de Pi

1.

Pois eu sei. Sempre soube. Ninguém quer acreditar, mas eu sei que vais partir, água da minha sede, pão da minha fome, candeia que me sustém e me alumia. Eu te invoco e te agradeço, antes de partires, e te choro já, antes que me esqueça, antes que não possa, antes que te perca, antes que pereça. Só muito no fim descobri que eras a poesia, e que o pastor de cabras, de ovelhas e de bois era o poeta. Mas era tarde e já é noite. Quando isso aconteceu, ajoelhei e rezei. De alegria eram, de tristeza e de remorso, as lágrimas que verti sobre o teu altar sagrado. Afinal, eu podia ter escrito os impossíveis poemas primos e de pi, que ninguém nunca, e infinitos. Voltarei ao monte. Habitarei a noite. Voltarei a ser o pastor de poemas e rebanhos, e vou gravar a fogo os poemas adiados.

2.

Não fizeste o milagre de tirar-me as pedras do caminho, nem das rosas os espinhos. E fizeste bem, porque foi aí e nelas que te pressenti, sem saber quem eras, e te persegui. As pedras e as rosas não eram bem pedras nem eram bem rosas. Eram espelhos. Quando olhava para elas, via montes assombrados nelas, campos lavrados de tesouros reluzentes enterrados penedos de mouras encantadas, rios serpeando entre o arvoredo, enamoradas vozes de animais a falar, e anjos a tanger os sinos do universo. Era, poesia, a tua face divina que eu via à janela espelhado de tudo o que é bom e nobre e belo. E eu, aprendiz apaixonado, construí catedrais, cheias de vitrais, em que te guardei, presa num sacrário. Esqueci-me do tempo. Quando acordei, estavas triste e desmaiada e o gado abandonado.

3.

Agora eu sei que foste tu que me levaste a conhecer todos os pássaros, seduzido pelo bico triunfante da sua harmonia em canto, pelas penas do voo colorido, em movimento, e pelos ninhos, onde em cada ovo dormia um

universo. Foste tu que me levaste a entrar nas minas, de gatinhas, à procura das pedras mais lindas, e das intocadas mais antigas, para ver das águas a ideia, como era, antes da nascente. Foste tu que acendeste o fogo negro das nuvens gigantescas e das batalhas de fantasmas, fulminadas por mil raios, que retorciam árvores que chiavam, e as rachavam, da cabeça até aos pés, e as arrancavam. E foste tu, pela voz maga de meu pai, que me ensinaste a meter-me no meio dos bois protectores, pastores de rapazes, que afastavam os medos de sombras e de tempestades.

4.

Não, não foste tu que naquele dia de chuva intensa, e batida a vento, mandaste entrar, surpreendente, pela escola dentro, sem bater à porta, o homem grande, vestido todo de preto, embrulhado num oleado preto, todo apertado, capuz preto, tapando a cabeça toda, como ave vendada, e donde só uma voz sem rosto sai a romper o pasmo quente. Mas foste tu que me levantaste e me fizeste subir primeiro para o banco da carteira e depois para o próprio tampo dela, quando Kondor, o homem de preto, hierática ave gigantesca, aprumada e preta, avatar do sol, perguntou se algum menino queria ir estudar. Foste tu sempre, poesia, e eu não o sabia. Pensava que estavas presa nos versos dos poetas, e não te via viva, aparição possessa e criativa, a arfar-me no peito, na sede dum abraço a sério.

5.

Desde que te vi, admirei-te, medi-te e namorei-te. Desnudei, um a um, devagarinho, os encantos que guardavas no escaninho dos segredos. Amei-te. Morei em ti, e tu em mim, de corpo e alma. Éramos um, sendo os dois. Levava-se sempre, pela mão, consigo, cada um, quando saía. Sempre te senti dentro de mim, na brisa do pensamento, no coração, na raiz do sangue. Eras a Poesia. Não a escorrida em linha, desenhada em verso, mas a toda inteira, a fugidia, a verdadeira. Ouvi-te sempre, na voz reminiscente das árvores e dos deuses e dos animais. Eras tão linda, quando ias a passar. Compor os sons das tuas cores, pareceu-me aquém prender-te numa pauta. Adiei-te.. Mas a minha obrigação era além escrever-te sempre e libertar-te para além do nunca antes. Voltarei.

6.

E assim andei a minha vida inteira, e tu comigo sempre, em todos os actos, em toda a reflexão, e em todo o lado, em tudo o que é sincero, que é divino e

que é humano, e por toda a parte, em tudo o que é bom e que é honesto e que é belo. Trabalhei como um danado o tempo todo, para amar-te mais, porque amar-te mais era amar mais tudo o que mais amo. E eu só sei amar o que é completamente. E tive o tempo todo para amar-te, louvar-te, e engrandecer-te. E dei-te tudo. Mas nunca me passou pela cabeça que podia fazer amor contigo, que devia fazer amor contigo, como um possesso, que devia engravidar-te, sucessivamente, e sem sossego, de poemas nunca antes vistos, nunca antes escritos, nunca antes ditos, os mais sagrados que, sendo humanos, são divinos.

7.

Pois eu sei. Sempre soube. Ninguém quer acreditar, mas eu sei que vais partir, água da minha sede, pão da minha fome, candeia que me sustém e me alumia. Eu te invoco e agradeço, antes de partires, e te choro já, antes que me esqueça, antes que não possa, antes que te perca, antes que pereça. Só muito no fim descobri que eras a poesia, e que o pastor de cabras, de ovelhas e de bois era o poeta. Mas era tarde e já é noite. Quando isso aconteceu, ajoelhei e rezei. De alegria eram, de tristeza e de remorso, as lágrimas que verti sobre o teu altar sagrado. Afinal, eu podia ter escrito os impossíveis poemas primos e de pi, que ninguém nunca, e infinitos. Voltarei ao monte. Habitarei a noite. Voltarei a ser o pastor de poemas e rebanhos, e vou gravar a fogo os poemas adiados.

NOTA BIOGRÁFICA

Escritor, poeta e crítico literário, António Manuel Rodrigues da Mota é natural de Portela das Cabras, Vila Verde, Braga. Completou o ensino secundário nos Estados Unidos da América, como bolsheiro do American Field Service. Coursou Direito na Universidade de Coimbra, mas interrompeu devido à mobilização militar. É licenciado em Ensino de Português/Inglês pela Universidade do Minho. Posteriormente, frequentou o Mestrado em Literatura Portuguesa, dedicando-se ao estudo da intertextualidade entre Camões e Jorge de Sena. É autor de diversos trabalhos literários dispersos por mais de uma dezena de colectâneas e de revistas da especialidade.

